



<b>Evento</b>	Salão UFRGS 2015: SIC - XXVII SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS
<b>Ano</b>	2015
<b>Local</b>	Porto Alegre - RS
<b>Título</b>	A importância econômica da América do Sul e do Caribe para o Brasil (2003-2013)
<b>Autor</b>	BÁRBARA HACKMANN
<b>Orientador</b>	ANA REGINA FALKEMBACH SIMÃO
<b>Instituição</b>	Escola Superior de Propaganda e Marketing

No início do século XXI, houve uma condição sistêmica favorável para a ascensão dos países emergentes, principalmente, Brasil, China e Índia (IPEA, 2010). A “guinada à esquerda” – termo utilizado por Castañeda (2006) – do continente Sul-Americano, desta forma, se insere na conjuntura de uma reforma do neoliberalismo que vinha sendo adotado nestes países, da revisão do papel do Estado e da projeção de uma postura autônoma no cenário das relações internacionais (SARAIVA, 2010). Constata-se, portanto, que os Estados sul-americanos procuraram aproveitar o cenário favorável para exercer um maior protagonismo no sistema internacional. Este presente estudo pretende, em decorrência da ascensão brasileira nas relações internacionais, estudar e compreender a importância econômica da América do Sul e do Caribe no período entre 2003 e 2013.

Sendo esta pesquisa de caráter qualitativo e exploratório, uma vez que é de cunho teórico-empírico, há um importante estudo bibliográfico e documental. Os documentos pesquisados consistem basicamente nos dados econômicos e comerciais disponíveis através do Ministério da Indústria e Comércio e do BNDES. Já referente à pesquisa bibliográfica, serão utilizados artigos, dissertações, e outras publicações científicas relativas ao tema de política externa nos governos petistas. Assim, a vertente qualitativa justifica-se por possibilitar o aprofundamento de diversos aspectos da realidade que não seriam possíveis ser quantificados, pois o importante nesta está em compreender a dinâmica da política externa do Brasil e não em apenas quantificar acerca deste tema. Já o aspecto exploratório possibilita a ampliação do tema, explorando o tema a partir de novas abordagens. O viés exploratório se dá através do levantamento bibliográfico e da análise de documentos que se relacionam diretamente com o tema em estudo (CERVO, 2007).

Aplicando o conceito de autonomia pela diversificação, o Estado brasileiro passou a estabelecer novas parcerias estratégicas para se inserir de maneira cada vez mais no cenário político e econômico global (VIGEVANI e RAMANZINI JÚNIOR, 2009). Algo que ocorreu em decorrência disto foi a diminuição da vulnerabilidade externa brasileira, já que a inserção internacional acoplada ao desenvolvimento econômico interno fizeram com que o Brasil se tornasse capaz de manter certos níveis de crescimento por si só, sem depender exclusivamente de um terceiro Estado. Nos governos Lula e Dilma, a América do Sul, o Caribe e a América Latina se colocam como principais preocupações da agenda do Itamaraty. Buscando consolidar a sua liderança regional, o Estado brasileiro tornou-se o principal incentivador dos meios de integração entre os países regionais, representados através do MERCOSUL, da UNASUL e da CELAC. Ainda, em decorrência disto, o processo de integração regional, liderado pelo Brasil, tem adquirido cada vez mais um caráter de infraestrutura, avançando dos objetivos do IIRSA com forte financiamento do BNDES (COUTO, 2007).

Durante os dois mandatos de Lula, o BNDES passou por dois momentos de internacionalização: o primeiro foi a criação, em 2003, da linha de crédito específica para as empresas brasileiras em processo de internacionalização; o segundo momento foi marcado pela abertura de filiais no exterior em 2009 (GARCIA, 2011). Assim, o BNDES tem função de incentivar a internacionalização das empresas brasileiras, estudar e auxiliá-las no conhecimento de mercado e, principalmente, alinhar os objetivos entre o empresariado e o governo brasileiro. Esta íntima relação com os seus vizinhos possibilitou que o Brasil não sofresse imediatas consequências da crise financeira de 2008, muito em decorrência do seu superávit comercial com estes países. Além disso, as oportunidades mapeadas e exploradas, de forma conjunta, pela política externa e pelas empresas brasileiras, conseguiram manter a economia interna aquecida, com um mercado consumidor ativo ao mesmo tempo em que alçava a presença do Brasil no exterior. Por fim, a América do Sul e o Caribe são necessários para a consolidação do Estado brasileiro como líder e das empresas nacionais como competidoras internacionais.